

Um dicionário de 30 línguas

Belo Horizonte (Escural) — O Vocabulário Indo-Europeu e Seu Desenvolvimento, obra que vem sendo elaborada há 25 anos pelo professor Rubens Cloris Romanelli, já tem 670 páginas impressas e ainda não saiu da letra A.

Aos 59 anos, o professor Romanelli trabalha sozinho e sem nenhuma ajuda financeira, apesar da oferta, em 1967, da Ecole des Hautes Etudes, para que permanecesse na França pelo prazo necessário para concluir a obra, ajudado por uma equipe de especialistas da universidade.

Antes dessa oferta, que recusou para não ter que deixar o Brasil, Romanelli já havia trabalhado, quando era Ministro da Educação o Sr. Clóvis Salgado, uma ajuda oficial que lhe permitisse dedicar-se com exclusividade ao trabalho.

Apesar disso, o professor continuou a importar os dicionários necessários à pesquisa. Conta atualmente com cerca de 600 dicionários bilíngues e 80 etimológicos, que abrangem 30 línguas da família indo-europeia, nos quais se baseia o Vocabulário Indo-Europeu e Seu Desenvolvimento.

História das idéias

— O principal objetivo da obra — disse o professor Romanelli — será apresentar o mais amplo quadro da história das idéias, na área do indo-europeu, através da história de sua expressão material — a palavra.

As 30 línguas por ele abrangidas são o Sanscrito, Avestico, Antigo, Médio e Novo Pérsico, Armênio, Grego, Latim, Italiano, Francês, Espanhol, Português, Romeno, Antigo Nórdico ou Escandinavo, Norueguês, Dinamarquês, Sueco, Gótico, Anglo-Saxão, Inglês, Holandês, Alemão, Letão, Prussiano, Antigo Eslovaco, Russo, Búlgaro, Servo-Croata, Tcheco ou Boêmio e Polonês.

Destas, o professor domina cerca de uma dúzia e lê as demais através do auxílio de dicionários bilíngues.

A elaboração do vocabulário compreende diversas operações. Uma delas — esclareceu o professor — é a seleção dos sinônimos, que traduzem, dentro de cada língua, a ideia estudada. Essa operação requer, para se atender à precisão dos conceitos, o confronto de, no máximo, quatro dicionários.

Compreenderá a obra o estudo de mais de 100 mil etimologias, distribuídas em cerca de 3 mil agrupamentos semânticos representativos das ideias fundamentais do conhecimento humano. Destes, já foram publicados 252 até o verbete Assassino, na revista Kriterion da Faculdade de Filosofia da UFMG.

— Será dos maiores — afirmou o professor — o interesse cultural da obra, sobretudo por seu alcance internacional. Nela se consultam quatro importantes dicionários: poliglótico, etimológico, semântico e de sinônimos.

O trabalho será completado com um índice remissivo poliglótico, que permitirá localizar, no texto, qualquer palavra de qualquer das 30 línguas estudadas.

Entretanto, calcula o professor Romanelli, "serão necessários mais 15 anos de trabalhos intermitentes, em regime de tempo integral, para a conclusão do Vocabulário."

— Poder-se-ia ganhar mais tempo e, sem dúvida, mais perfeição, se se pudesse contar com a colaboração de uma equipe especializada, constituída de sanscritistas, hebraístas, latinistas, românicos, celtistas, germanistas, baltaístas e eslavistas. Mas isso, aqui no Brasil, é quase impossível. —

O autor

Até os 23 anos, o professor Romanelli tinha apenas o 2º ano primário. Depois inventado um sistema de sinalização para a Rede Mineira de Viação, onde trabalhava, chamou assim a atenção de um engenheiro, que o trouxe para Belo Horizonte.

Fez em dois anos e meio todos os exames de Madureza e iniciou os estudos de Engenharia. Enquanto isso, lecionava Matemática. Finalmente, chegou à conclusão de que sua vocação era o magistério. Tendo em vista fazer depois um curso de Filosofia, começou a frequentar o curso de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, para que pudesse, desse modo, ter os filósofos antigos no original.

Tornou-se bacharel em Letras Clássicas em 1943, passando desde então a lecionar. Em 1948, já publicava, num jornal de Sobradá, alguns verbetes do Vocabulário Indo-Europeu e Seu Desenvolvimento.

Em 1968, a convite do Governo francês, foi para a Sorbonne, onde fez três cursos de especialização. De início de 1969 a janeiro de 1972, exerceu o cargo de diretor-executivo do Conselho de Extensão da UFMG.



Ben Johnson: uma citação em carne e osso



Cloris Leachman: Oscar de melhor coadjuvante

artes plásticas

Gravura na ilha

A Seção de Artes Gráficas do Primeiro Salão de Artes Plásticas da Ilha de Santa Catarina, promovido pelo Clube 12 de Agosto, em Florianópolis, foi a mais importante do certame. Confiou-se a categoria técnica dos gráficos, que é sempre um documento de disciplina na vertigem um tanto caótica da luta de outras categorias, como a pintura e a escultura, para a resistência num tempo de crise. O primeiro prêmio de gravura, no valor de Cr\$ 4.000,00 foi conferido a Vanda Pinheiro Dias, gravadora golana que se apresentou neste ano na Galeria Studium, e que foi sem dúvida a revelação da temporada no setor das artes gráficas. As grandes chapas de gravura em metal são trabalhadas, por Vanda P. Dias, no sentido de apreender várias etapas de textura do branco ao negro, numa organização de formas que registram um grande painel de pura linguagem gráfica. O segundo prêmio de gravura no valor de Cr\$ 2.000,00 foi conferido à gaúcha Vera Chaves Barcelos, que também expôs na Studium este ano, e que revigora em grande estilo a nobre arte da xilogravura. O terceiro prêmio de gravura, no valor de Cr\$ 1.000,00, foi conferido à silveiradora Vilma Martins, cabendo os quatro primeiros equivalentes cada um ao quarto prêmio do Salão, no valor de Cr\$ 800,00, a Inácio Rodrigues, José Alino Carmen Bardy e Ana Maria Maiolino.

Por sugestão do júri, o I Salão de Artes Plásticas da Ilha de Santa Catarina apresenta uma homenagem ao grande pintor catariense

Martinho de Haas, através de uma sala especial, hors-concours.

Em vista do sucesso de sua primeira promoção, o Salão de Arte do Clube 12 de Agosto será reduplicado certamente no próximo ano, com uma abertura maior dos regulamentos, sobretudo aceitando todas as categorias possíveis de artes plásticas. Também a vertez de premiação será destinada à aquisição, sem a classificação hierárquica dos prêmios. Dos muitos salões de que temos participado ultimamente, como membro de júri, este é sem dúvida um dos mais conhecidos e bem organizados. Basta dizer que aceitando apenas inscrições nas categorias de pintura e gravura, reuniu um número maior de participantes do que os muitos salões regionais abertos a todas as categorias. E entre os selecionados, podemos apontar nomes como os de Nêdia de Paula, Imônia Coaraci, Lothar Charoux, Miriam Garnier, Odila Sotriner, José Pinto, Sônia von Bruker, Bethi Cuidado, Dorci Camargo Correia, Paulo Menten, etc. Diante de salões de tão triste memória, como a fase guaranibana do Salão do Sesiulcentenário, só nos resta constatar, com alegria, a irradiação regional do interesse dos artistas, por um novo tempo de competição, o que possibilita o levantamento da produção das províncias e a sua avaliação comparativa com a produção de outros centros mais privilegiados pelo mercado e concentração de acontecimentos informativos e estimulantes.

WALMIR AYALA



Vera Chaves Barcelos: Prêmio de Gravura

cinema

A paz acabou

A primeira vista todas as coisas ajudam a compor um quadro nostálgico, a começar pela utilização do preto e branco na imagem. Mas se o espectador de A Última Sessão de Cinema receber do filme apenas esta informação, estará vendo a situação a partir do ponto-de-vista dos personagens e não a partir do ponto-de-vista do realizador.

Estabelecer a distinção é importante aqui porque os dois pontos-de-vista não coincidem, e a impressão inicial está longe de explicar intrinsecamente o filme. O que o espectador vê é um registro do comportamento ingênuo das pessoas de uma cidade do Texas no princípio da década de 50. O que Peter Bogdanovich pretende é compor com esta descrição uma espécie de prólogo ou introdução aos tempos violentos da década de 70.

Não existe aqui um simples olhar saudoso e nostálgico para os últimos tempos em que as pessoas ainda viviam sob a influência de Hollywood. A história se passa 20 anos atrás, os personagens lamentam a perda dos bons tempos do passado, mas a preocupação do filme é com o nosso presente.

Vistos a partir de hoje, parecem ainda mais ingênuos os problemas das pessoas de Anarene no momento em que o cinema acaba, nasce a televisão e os jovens começam a partir para a guerra. É esta ingenuidade de comportamento A Última Sessão de Cinema deixa que o espectador descubra pouco a pouco. Toda a atenção de Bogdanovich se concentrou na recriação de uma atmosfera capaz de permitir ao espectador descobrir certas coisas por si mesmo.

O ponto de apoio principal são os intérpretes. Interessava pouco a história, uma vez que o filme registra os acontecimentos sem qualquer preocupação de sublinhar um determinado momento. Tudo é mostrado com idêntica tranquilidade, tudo é visto a partir da ótica de hoje, e a câmara funciona mais como uma máquina do tempo do que como uma participante ativa dos problemas de Duane, Sonny, Jay, Sam, Lois ou Ruth.

Interessa pouco a citação dos filmes e dos cineastas preferidos por Bogdanovich, ou nem o tom da imagem em preto e branco nem o desenho dos personagens ou o estilo narrativo muito comum em comum com o cinema que ele admira.

Em verdade a utilização da imagem em preto e branco se deve menos a uma citação aos filmes da década de 50 que a uma exigência da estrutura do filme. Em verdade no cinema americano de então já dominava a fotografia em cores, e principalmente uma tendência a suavizar os contrastes e embelazar a imagem muito distante de tudo o que foi feita aqui, não apenas pelo fotógrafo como pelo próprio diretor na escolha dos cenários e na composição dos tipos.

A história importa enquanto coloca num cenário unificado um conjunto de situações ainda não tinha transformado o comportamento e o nível de informação das pessoas. O filme se compõe de uma soma de quadros mais ou menos fechados em si mesmos, ele apenas introduz uma série de problemas. Os personagens mal começam a se modificar quando o filme termina, a história a rigor só começa quando o filme termina.

O que existe antes é um amplo painel onde os quadros isolados são permanentemente adjetivados por algumas associações cinematográficas, a partir do próprio título do filme. O que existe antes é um painel formado por quadros compostos para colocar os intérpretes em destaque e fazer com eles conduzam a cena.

Certamente mais do que qualquer outra coisa o trabalho dos atores salta ao primeiro plano, e isto porque tudo funciona em favor dos intérpretes. Quer as situações escritas, quer a reconstrução da época, a escolha dos cenários e do tom da iluminação, tudo é feito para deixar sobre os atores a parcela maior na construção do filme.

E neste conjunto muito homogêneo seguido por Bogdanovich, o que há de melhor é quando se utiliza a sua câmara para filmar o passado mantendo os pés sempre no tempo presente. Ele procura estabelecer assim uma relação diferente entre a platéia e o personagem, de modo a que o espectador não se projete sentimentalmente nestas imagens em preto e branco. Mas possa compreender a ingenuidade de comportamento que precedeu a partida para a guerra.

JOSE CARLOS AVELLAR

Em atividade artística há pouco tempo, mas bastante intensa desde então, Carmem Bardy, realiza outra individual, agora na Galeria Grupo B, em Botafogo, avaliada por Waldir Ayala. O poste, o de sua infância, rústico, o da produção industrial, os elementos que entram em sua composição — esse o tema que Carmem "persegue em vários estilos, sempre com um sentido."



O poste e todos os elementos que o compõem fazem a arte de Carmem Bardy

No fio da comunicação

CELINA LUZ

A um trabalho conceitual que mantém no Estúdio 72, em São Paulo, agora, representando uma paisagem de estradas de ferro, corrimãos, um poste e fios. Carmem Bardy deu o nome Tempo-Terra-Memória. Esses elementos estão presentes em todos os seus quadros, desde os primeiros quadros, paisagens de praticadas do interior, cantinas iluminadas por um poste rústico, chegando ao poste depurado, como símbolo, ao estilo trabalhando com elementos industriais.

sempre se desempenhou de artista, sempre no Estúdio 72, em São Paulo, agora, representando uma paisagem de estradas de ferro, corrimãos, um poste e fios. Carmem Bardy deu o nome Tempo-Terra-Memória. Esses elementos estão presentes em todos os seus quadros, desde os primeiros quadros, paisagens de praticadas do interior, cantinas iluminadas por um poste rústico, chegando ao poste depurado, como símbolo, ao estilo trabalhando com elementos industriais.

— Não tem nunca tido esse núcleo de fios. Se acontece alguma coisa e gente ruge, enfurta tudo com coragem e calma. Mas pela primeira vez eu me depuro absolutamente realizada na vida, fêz. Estou fazendo uma coisa que gosto de fazer. Foi no ano passado, viajando que me deu vontade de fazer somente isso. Voltando ao Brasil, fui para Teresopolis passar o carnaval, e fiquei trançada pintando o tempo inteiro. Mas presenciei trabalhar também, e me propussem cuidar da parte artística da galeria do Barco, André Arnaut. Os quadros que tinha pintado no carnaval, resolvei mostrar a donos de galeria. Ceni Sauer gostou e quis fazer uma exposição.

— No mês de abril ficou dedicada que a maioria seria inaugurada no fim de julho, com 30 quadros.

— Foi despojado e dos postes fazendo variações. Chamei a exposição — que vendi toda — de Comunicação. Depois, comecei a fazer pesquisas, entre em contato com a fábrica de vidro de Caxias, com a nacional, e conversei com o Salão de Eletricidade, apresentando três postes grandes. Um o material estranho, os

elementos industriais, das coisas coloridas, as lanternas, as coisas que compra e paraquiza eu mesma depois de fazer os croquis. As peças vão também a madeira rústica.

A simplicidade interior

Muitos dos meus trabalhos são pobres, despojados, eu sou assim, simples. Esse foi o lado de que sempre gostei, no México, a simplicidade de uma gente que eu achei que era feliz, que tinha uma coisa que gosto de fazer. Foi no ano passado, viajando que me deu vontade de fazer somente isso. Voltando ao Brasil, fui para Teresopolis passar o carnaval, e fiquei trançada pintando o tempo inteiro. Mas presenciei trabalhar também, e me propussem cuidar da parte artística da galeria do Barco, André Arnaut. Os quadros que tinha pintado no carnaval, resolvei mostrar a donos de galeria. Ceni Sauer gostou e quis fazer uma exposição.

Nesta exposição da artista Celina Luz, o Salão de Arte Moderna de Belo Horizonte, no Salão Teresopolis de Arte Brasileira no MAM de São Paulo, como convidada a fazer pesquisas, entre em contato com a fábrica de vidro de Caxias, com a nacional, e conversei com o Salão de Eletricidade, apresentando três postes grandes. Um o material estranho, os